

**FACULDADE ALPHA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS  
E EDUCAÇÃO INCLUSIVA DA PESSOA SURDA**

**DEBORA CASSIA GOMES QUEIROZ SILVA**

**“GRADAÇÃO”: UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DE SURDOS NO  
CONTEXTO PRÉ-VESTIBULAR**

**RECIFE  
2019**

**DEBORA CASSIA GOMES QUEIROZ SILVA**

**“GRADAÇÃO”: UM ESTUDO SOBRE A INCLUSAO DE SURDOS NO  
CONTEXTO PRÉ-VESTIBULAR**

Artigo apresentado à Faculdade ALPHA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Libras e Educação Inclusiva da Pessoa Surda.

Orientador: Prof. Mestre Roberto Carlos Silva dos Santos.

**RECIFE**

**2019**

**“GRADAÇÃO”: UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DE SURDOS NO  
CONTEXTO PRÉ-VESTIBULAR**

Artigo apresentado à Faculdade ALPHA, como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Especialista em Libras e Educação Inclusiva da Pessoa  
Surda.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof Mestre Roberto Carlos Silva dos Santos**  
**Orientador**

---

**Profª. Esp.**  
**Coordenador do Curso de Pós Graduação em**  
**Libras e Educação da Pessoa Surda**

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é promover uma maior interação entre os estudantes Surdos e ouvintes do Pré-vestibular Gradação, ofertando um curso básico de Libras. Participaram deste estudo 35 estudantes ouvintes, 05 estudantes Surdos, 06 docentes e 03 intérpretes de Libras. Realizamos 04 observações e um questionário. Os resultados mostraram que o curso básico de Libras despertou um olhar para a inclusão comunicacional dos Surdos e que o TILS é uma figura importante nesse processo. Sendo assim, ter a Libras é indispensável para uma construção do conhecimento mais significativa.

**Palavras-Chave:** Ensino, Comunicação, Inclusão, Libras – Língua Brasileira de Sinais.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to promote greater interaction between deaf students and listeners of the Pre-College Graduation, offering a basic course of Libras. Thirty-five hearing students, five deaf students, six teachers and three Libras interpreters participated in this study. We made 04 observations and a questionnaire. The results showed that the basic course of Libras aroused a look at the communication inclusion of the Deaf and that TILS is an important figure in this process. Therefore, having Libras is indispensable for a more meaningful knowledge construction.

**Keywords:** Teaching, Communication, Inclusion, Libras - Brazilian Sign Language.

## 1. INTRODUÇÃO

Não há como negar que a Lei de nº 10.436/2002 foi um dos maiores avanços para a comunidade Surda no Brasil. O reconhecimento da Libras - Língua Brasileira de Sinais, como meio legal de comunicação e expressão, foi uma vitória bastante significativa para os Surdos que há anos lutavam pela legalização da Libras com um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos.

Com isso, um grupo que estava à margem da sociedade e considerado com minoria linguística passa a ganhar mais visibilidade e começa a mostrar que a surdez é apenas a perda ou diminuição considerável do sentido da audição e que eles, os Surdos, possuem Cultura, Identidade uma Língua que os possibilita uma total comunicação e interação.

A Educação Inclusiva é direito das pessoas com surdez e obrigação do sistema educacional em efetivá-lo nas escolas e nos demais espaços da sociedade. Porém, para que isso ocorra, é fundamental que estejamos preparados para conviver e respeitar as especificidades dessas pessoas. Entre as diversas dificuldades para vencer o desafio da inclusão, nesta pesquisa nos preocupamos com as possíveis barreiras de comunicação que podem afetar a relação de ensino e aprendizagem pela dificuldade de interação entre os estudantes Surdos e professores e estudantes ouvintes.

Diante disso, questionamos: como o processo de ensino/aprendizagem da Libras aos ouvintes pode promover a inclusão do Surdo garantindo a interação entre os estudantes e professores ouvintes? Partimos do pressuposto de que, a comunicação é indispensável para construção do conhecimento. Ter o intérprete de Libras é fundamental numa sala de aula inclusiva, mas o contato direto entre professor e estudante também é preciso nesse processo de aprendizagem.

O Pré-vestibular Gradação, por exemplo, visa propiciar alternativas aos sujeitos que não tiveram oportunidade de desenvolver suas capacidades de aprendizagem nos padrões, hoje, exigidos para garantir o ingresso ao Ensino Superior. Tendo como público alvo estudantes de escolas públicas e grupos em processo de exclusão social, principalmente pelo fator socioeconômico, o Projeto Gradação foi o primeiro a garantir os conteúdos das aulas em Libras, possibilitando assim aos estudantes Surdos oportunidades que visem a superação das desigualdades, e sua autonomia como Sujeito.

Nosso interesse pela pesquisa surgiu pelo fato de a pesquisadora atuar como intérprete de Libras voluntária nesse projeto e observar que os estudantes Surdos não interagem com os estudantes ouvintes por estes não conhecerem a Língua de Sinais. Essa realidade motivou a pesquisadora a ofertar um curso básico de Libras para que, assim, as barreiras comunicacionais fossem minimizadas.

Compreendemos que este curso não tornará os ouvintes fluentes em Libras, mas conhecer os fundamentos básicos da Língua Brasileira de Sinais e algumas especificidades da Comunidade Surda é o primeiro passo para garantir uma convivência mais inclusiva.

Isto posto, temos como objetivo geral nesta pesquisa, compreender como se dá a interação entre os estudantes Surdos e ouvintes do Pré-vestibular Gradação, ofertando um curso básico de Libras – Língua Brasileira de Sinais. E como objetivos específicos: a) Conhecer os fundamentos básicos da Língua Brasileira de Sinais; b) Aprender alguns vocabulários em Libras; c) Desmistificar alguns conceitos e mitos relacionados à Comunidade Surda.

Acreditamos que desenvolver essa pesquisa, constitui-se como uma oportunidade para contribuir com a difusão da Libras, amenizando as barreiras comunicacionais existentes entre Surdos e ouvintes, assegurando, assim, a promoção de um ambiente mais inclusivo, bem como enriquecer nossa formação profissional e crescimento pessoal.

## **2. ASPECTOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO DOS SURDOS NA SOCIEDADE EM GERAL E NA ESCOLA**

A história das pessoas com deficiência, de modo geral, sempre foi marcada pela discriminação e exclusão social, pelo impedimento de usufruir dos direitos básicos, como moradia e educação, e em muitos casos até o direito a vida foi negado.

A própria religião, com toda força cultural, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, ser perfeito, inculcava a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo “parecidos com Deus”, os portadores de deficiência (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana. (MAZOTTA, 2005, p.16).

Na antiguidade os gregos e romanos consideravam que a fala era o produto do pensamento, significando que sua ausência implicava na incapacidade de pensar. Não sendo vistas como seres humanos, as pessoas com surdez eram proibidas de ir à escola, casar-se e até o direito a herança deixada por testamento era-lhe negado. A ideia que a sociedade fazia dos Surdos no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. (GOLDFELD, 1997, p, 27).

O cristianismo pregava que o ser humano era imagem e semelhança de Deus, logo o deficiente auditivo não se encaixava num padrão de perfeição, favorecendo a discriminação e o preconceito. A fala era de extrema

importância, pois era através dela que os fieis faziam suas confissões, assumindo seu pecado.

O Surdo por não conseguir oralizar não se confessava, no entanto, foi a partir daí que surgiu a primeira tentativa de educá-los, quando os monges que haviam feito o voto do silêncio criaram uma linguagem gestual para se comunicar. De acordo com Mazzotta (2005), Por meio do serviço prestado por eles, os Surdos poderiam participar das missas, fazer os juramentos e “alcançar assim à imortalidade de suas almas” por meio das confissões.

Na Idade Média, se começa a pensar em educar a criança Surda, integrando-a na sociedade. Ter uma deficiência era ser digno de pena e/ou desprezo, pois representava uma punição divina.

A crença de que o surdo era uma pessoa primitiva fez com que a ideia de que não poderia ser educado persistisse até o século XV. Até aquele momento eles viviam totalmente à margem da sociedade não tinham nenhum direito assegurado. (GOLDFELD, 1997, p. 28).

Um dos primeiros a defender a língua de sinais foi Charles Michel de L'Épée (1712-1789), educador francês que ficou conhecido como “Pai dos Surdos”, pois aprendeu a língua de sinais e abriu a primeira escola pública de Surdos em Paris. Muitos avanços aconteceram na educação dos Surdos nesta época, pois os números de escolas aumentaram e o quantitativo de usuários da língua de sinais também.

Na Idade Moderna, um fato marcante foi o segundo congresso internacional de surdos-mudos, onde ficou decidido que a fala era superior aos sinais e preferencial na educação dos Surdos, proibindo-lhes de conhecer e entender o mundo através de sua própria língua, a língua de sinais. Métodos como descargas elétricas nos ouvidos, o uso de sanguessugas para provocar sangramentos e até mesmo furar o tímpano eram meios pelos quais estudiosos tentavam entender as causas da surdez e possivelmente encontrar a cura. (MAZZOTA, 2003, p. 20).

Diferentes metodologias foram utilizadas para alfabetizar os Surdos. A insistência em ensinar o Surdo à oralizar, fez com que muitos atrasassem o processo de aprendizagem na idade oportuna.

A noção de linguagem, para vários profissionais desta filosofia, restringe-se a língua oral, e esta deve ser a única forma de comunicação dos Surdos. Para que a criança surda se comunique bem é necessário que ela possa oralizar. (GOLDFELD, 1997, p. 30)

Outra metodologia usada foi à comunicação total, que através de recursos diversos como imagens, textos escritos, gestos e mímicas, visavam a integração dos Surdos.

Segundo Goldfeld (1997), o aprendizado de uma língua não é o objetivo maior da Comunicação Total. Outra característica importante é o fato de esta filosofia valorizar bastante a família da criança surda, no sentido de acreditar que á família cabe o papel de compartilhar seus valores e significados, formando, em conjunto com a criança, através da comunicação, sua subjetividade.

A partir das últimas décadas do século XX, a educação dos Surdos foi anexada às discussões referente ao princípio da Educação como um direito de todos, respeitando-se as diferenças de ensino e aprendizagem. Quando as particularidades físicas, mentais, psicológicas e cognitivas do Surdo passam a ser considerada, este começa a ter possibilidades de desenvolver-se enquanto pessoa, obtendo assim sua identidade cultural e autonomia.

### **3. A LIBRAS COMO LÍNGUA PARA COMUNICAÇÃO SOCIAL**

A partir do momento que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) se tornou essencial na educação dos Surdos, os avanços começaram a ser notórios, pois só a Libras dá toda e qualquer condição para que o estudante desenvolva seu raciocínio e expresse sua opinião.

Percebe-se que os surdos passam a ter um papel importantíssimo no processo educacional no momento em que a língua de sinais passa a ser respeitada como uma língua própria dos membros deste grupo social. (QUADROS, 1997, p. 45).

A Libras possibilitou aos Surdos uma ascensão social. O problema sempre esteve em usar as metodologias fonológicas/auditivas, e não necessariamente na falta da audição. Atualmente no Brasil, a comunidade Surda defende uma educação pautada no Bilinguismo. Onde a Língua

Brasileira de Sinais (Libras), é a primeira língua e a Língua Portuguesa na modalidade escrita passa a ser a segunda língua.

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível á criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997. p. 27)

Diversos autores como Goldfeld (1997), Dias Júnior (2010) e Quadros (1997), enfatizam em suas pesquisas que o Surdo deve adquirir a língua de sinais (L1), como primeira língua, e na modalidade escrita, a língua oficial de seu país como segunda.

Em dezembro de 2005, o Decreto de nº5.626 surge como mais um marco legal para garantia de direitos a comunidade Surda. Através desse Decreto, algumas pautas específicas à educação dos Surdos passaram a ser asseguradas como:

- A inclusão da Libras como disciplina curricular;
- O uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas Surdas á educação;
- A formação do professor de Libras e do instrutor de Libras;
- A formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa;
- A garantia do direito á educação das pessoas Surdas ou com deficiência auditiva;
- O papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras.

A deficiência que antes era vista como sinônimo de incapacidade está ganhando outros significados e o resultado disso é a participação dos Surdos nos mais variados setores da vida social, desempenhando as mais diversas funções, deixando claro que a sociedade precisa modelar-se para incluir e não apenas integrar as pessoas Surdas.

#### **4. O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS - MEDIADOR DA COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO**

No ano de 2019, a comunidade Surda foi presenteada com um fato inédito: a Primeira Dama, Michelle Bolsonaro, realizou um discurso em Libras na posse do então Presidente Jair Bolsonaro. E vimos, assim, uma verdadeira explosão e disseminação da Libras por todo o país.

Mesmo diante de tal repercussão, ainda são poucas as pessoas que conhecem e fazem uso da Libras para comunicar-se com os Surdos, fazendo-se necessário uma terceira pessoa: o tradutor/intérprete de Libras. Esse profissional é encarregado de mediar à comunicação entre os Surdos e àqueles que não compreendem a língua de sinais. (Lodi; Lacerda, 2010, p. 63)

Quando se insere um intérprete de língua de sinais na sala de aula, abre-se a possibilidade de o aluno Surdo poder receber a informação escolar em sinais, através de uma pessoa com competência nesta língua. (LODI; LACERDA, 2010. p. 35)

No cenário escolar, é o intérprete que se encarrega de facilitar a relação professor e aluno Surdo. É direito de todo estudante Surdo ter um tradutor/intérprete devidamente capacitado para desempenhar tal função.

Segundo Damázio (2007), a atuação do tradutor/intérprete escolar, na ótica da inclusão, envolve ações que vão além da interpretação de conteúdos em sala de aula; ele media a comunicação entre professores e alunos, alunos e alunos, pais, funcionários e demais pessoas da comunidade em todo o âmbito da escola e também em seminários, palestras, fóruns, debates, reuniões, e demais eventos de caráter educacional.

O Estudante Surdo, assim como os demais, faz parte da turma e é de inteira responsabilidade do professor a organização das atividades e acompanhamento do seu processo de aprendizagem. Com a presença do TILS na sala de aula, o professor não pode e não deve esquecer-lo, deixando-o aos cuidados do tradutor/intérprete de Libras.

## **5. METODOLOGIA**

Para respondermos aos nossos questionamentos e entender como o ensino/aprendizagem da Libras aos ouvintes pode promover a inclusão do Surdo, garantindo a interação com os estudantes e professores ouvintes, classificamos essa pesquisa com base na abordagem qualitativa.

Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16).

Tivemos como campo de pesquisa o Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, espaço onde acontecem as aulas do Pré Vestibular Gradação. Participaram desta pesquisa 40 estudantes, 05 Surdos e 35 ouvintes, os quais estão matriculados no projeto. 06 professores e 03 TILS os quais realizam trabalhos de maneira voluntária. Os nomes dos participantes não serão divulgados, pois entendemos que desse modo suas identidades são preservadas e respeitadas.

Quanto à coleta de dados esta aconteceu em dois momentos. Durante as aulas dos dias 08 e 15 de junho e 06 e 13 de julho, onde realizamos as observações, nas aulas de História, Redação Matemática e Física a fim de analisarmos como era a interação entre os estudantes Surdos e ouvintes e com os professores. Registramos as aulas observadas em um diário de campo.

Num segundo momento, aplicamos um questionário com os estudantes Surdos e ouvintes, e com os professores e TILS voluntários, seguindo um roteiro de perguntas com base nos objetivos dessa pesquisa. Os questionários foram respondidos pelos estudantes na própria sala de aula. Já os professores e intérpretes responderam na sala do D.A (Diretório Acadêmico) que funciona como sala dos professores nos dias de sábados. A aplicação dos questionários de modo geral, durou entre 5 a 8 minutos, e os participantes não precisaram se identificar. Todas as respostas foram registradas e analisadas posteriormente.

Adicionalmente, realizamos o planejamento e execução de um curso básico de Libras de curta duração, o qual foi ofertado aos alunos ouvintes. O curso foi organizado em 02 aulas, com duração de 40 a 50 minutos no intervalo dos dias 24 e 31 de agosto.

Os conteúdos ministrados tinham como objetivo conhecer os fundamentos básicos da Língua Brasileira de Sinais, aprender alguns

vocabulários da Libras e desmistificar alguns conceitos e mitos relacionados à comunidade Surda. Dentre as atividades propostas que foram executadas pelos alunos, tivemos o alfabeto manual, os numerais e alguns cumprimentos e alguns verbos.

A avaliação da aprendizagem dos alunos se deu de modo processual, ao longo da realização das atividades. Durante o curso, registramos a participação dos alunos por meio de atas de presença. E a avaliação do curso ofertado ocorreu de maneira dialogada, onde cada um pode elogiar e sugerir melhorias.

Para analisar os dados coletados, usamos a análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (2004) a qual serve para organizar os dados, tendo como objetivo representar a informação para sua consulta, segundo categorias construídas com base na exploração dos dados e referenciais teóricos adotados pelo investigador.

## **6. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a análise dos resultados que obtivemos em nossa pesquisa de campo no pré-vestibular Gradação no Centro de Educação na UFPE, categorizamos os seguintes pontos:

- a) A comunicação para a interação.
- b) A Libras como primeira Língua.

Nas observações das aulas dos dias 08 e 15 de junho, percebemos que os estudantes Surdos sentavam sempre juntos e apenas interagiram entre si, a comunicação com os estudantes ouvintes quase não existia, constatamos apenas olhares como forma de cumprimento. No momento da explicação dos conteúdos o intérprete de Libras era quem mantinha todo e qualquer contato com os estudantes Surdos.

Na aula do dia 06 de julho, um dos professores, o qual demonstrou ter algum conhecimento da Libras, ao fazer a correção de um exercício, se dirigia diretamente aos estudantes Surdos, perguntando qual a resposta estava correta, nesse dia pode-se observar um maior envolvimento dos estudantes

Surdos na aula, pois os mesmo se antecipavam, confirmavam e perguntavam o porque de algumas questões respondidas. Já na aula de física no dia 13 de julho, pudemos perceber o quanto é significativo, e proveitoso para o ensino e aprendizagem de determinados conteúdos, quando o Surdo pode ter uma aula na sua primeira língua.

### **6.1 A comunicação para a interação.**

Os 06 professores entrevistados atuam como voluntário nesse projeto. Alguns são profissionais formados, outros são estudantes que estão nos últimos períodos de conclusão dos seus cursos. 02 disseram saber sinais básicos de Libras, 02 afirmaram ter sido o primeiro contato com Surdos em sala e não sabiam Libras, e os outros 02 já tiveram experiências de colegas de sala com surdez, e também não sabiam Libras. Todos os professores entrevistados consideravam um desafio, pois não conheciam a língua de sinais e se comunicavam com os estudantes Surdos exclusivamente através do Tradutor/intérprete de Libras.

Ao entrevistarmos os estudantes Surdos, as respostas foram bastantes parecidas. Todos responderam que os estudantes ouvintes não sabem como se comunicar com eles, por esse motivo que os Surdos preferem estar sempre juntos, dentro e fora da sala, pois até mesmo nos intervalos das aulas, não percebemos nenhum tipo de interação. Um dos Surdos entrevistados salientou:

Saber o mínimo de Libras é importante, por que assim os ouvintes podem conversar com os Surdos. Se algum amigo Surdo falta? Eu vou estar sozinho, a sala está cheia, mas eles não sabem falar comigo. (Relato de um dos estudantes Surdos entrevistados)

Também foi alvo de nossa pesquisa, o tradutor/intérprete de Libras. Entendemos que esse profissional é indispensável, para que as barreiras comunicacionais sejam quebradas. Quando perguntados sobre a comunicação entre Surdos e ouvintes, os 03 TILS entrevistados foram unanimes em suas respostas. De acordo com eles, a comunicação se dá sempre mediada pelo Intérprete de Libras, tantos professores como os estudantes ouvintes, recorrem ao TILS para estabelecer qualquer tipo de comunicação.

Fato confirmado, pois nas respostas dos questionários dos 35 estudantes ouvintes entrevistados, desde total 27 afirmaram procurar o intérprete de Libras quando precisaram dizer algo aos Estudantes Surdos. 30 disseram não saber se comunicar em Libras e apenas 05 conhecem sinais básicos.

## **6.2 A Libras como primeira Língua.**

Quanto ao uso de imagens e vídeos, utilizados pelos professores, estes alegavam que esse era um recurso para apoiar a explicação dos conteúdos pelo TILS, facilitando assim a aprendizagem. Dessa forma o surdo é, então, valorizado em sua língua e um intérprete (competente em sinais) é quem propicia seu acesso aos conhecimentos acadêmicos (LODI E 2010, p. 65).

Das 04 aulas observadas, apenas uma foi planejada para os estudantes Surdos, de maneira inclusiva. Os slides estavam organizados e foram construídos com mais imagens e cores para diferenciar os assuntos abordados. Esta aula foi totalmente em Libras, e a participação do Surdos aconteceu como não antes havíamos visto.

Quando perguntados sobre a aula em Libras, uma das estudantes respondeu:

É outra aula. O professor olha pra gente. Os slides são diferentes. Tudo é diferente. (Relato de um dos estudantes Surdos entrevistados)

O depoimento dessa estudante deixa claro que é muito importante quando o processo de ensino-aprendizagem acontece tendo a Libras como a primeira língua e o Surdo podendo ter contato direto com o professor, participando ativamente desse processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos com essa pesquisa, compreender como se dá a interação entre os estudantes Surdos e ouvintes do Pré-vestibular Gradação, ofertando um curso básico de Libras – Língua Brasileira de Sinais.

Percebemos que a realização do curso básico de Libras, despertou o olhar dos estudantes e professores ouvintes para o conhecimento e aprendizagem da Libras. Acreditamos que esse seja o primeiro passo para uma inclusão mais efetiva.

Sem comunicação não há aprendizagem. Sem comunicação não há interação. Como os estudantes Surdos podem construir conhecimento e tirar dúvidas se nem mesmo conseguem interagir com os professores e demais estudantes? Essa é uma das piores barreiras enfrentadas pelos Surdos, a barreira comunicacional. A figura do profissional surge para amenizar esse impasse na comunicação. Damázio (2007) e Lodi e Lacerda (2010), destacam em seus trabalhos que o TILS é o mediador da comunicação, e que o professor deve desenvolver habilidades comunicativas para que não dependa totalmente do intérprete.

Por se tratar de um pré-vestibular voluntário, alguns profissionais ainda estão em formação, e se deparar com uma sala de aula composta por estudantes surdos e ouvintes, configurou-se como um desafio, o que nos levou a questionar e afirmar a necessidade do professor estar sempre se atualizando.

Os Surdos enquanto minoria linguística em uma família de ouvintes, na vizinhança onde mora e numa sala de aula que em geral é formada por ouvintes, sofre desde cedo com a possibilidade de se expressar, e essa barreira comunicacional pode gerar atrasos e bloqueios que o impede de ter acesso a uma educação e formação profissional.

Percebemos assim, o quanto é importante ter profissionais qualificados das mais diversas áreas fluentes em Libras. A formação continuada é uma ferramenta indispensável para que os Surdos possam ter acesso com qualidade as mesmas informações que os ouvintes, e possa assim concorrer a uma vaga no ensino superior em igualdade de condições.

Entendemos que a propagação da Libras nos mais variados setores da sociedade, começando no seio familiar, é de vital importância para o crescimento bio-psico-social da pessoa Surda.

## **REFERÊNCIAS**

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. Ed. Lisboa-Portugal, 2004.
- BRASIL, Decreto N° 5.626 de 22 de Dezembro de 2005. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)  
Acessado em 14 de março de 2019.
- BRASIL, Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acessado em 14 de março de 2018.
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. Características da investigação qualitativa. In: \_\_. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. Porto. 1994.
- DAMAZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. SEESP/SEED/MEC. Brasília – DF, 2007.
- DIAS JÚNIOR, Jurandir Ferreira. **Ensino as língua portuguesa para surdos: contornos de práticas bilíngues**. Jurandir Ferreira dias Júnior; orientador Wanilda M<sup>a</sup> Alves Cavalcanti, 2010, 113f.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.
- LODI, Ana Cláudia B. e LACERDA, Cristina B. F. de. **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2003.
- SALESS, Heloísa Maria Moreira Lima. **Ensino de língua portuguesa para Surdos: Caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2 v. ; il. \_ (Programa Nacional do Apoio á Educação de Surdos).
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Ideias para ensinar português para estudantes Surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília : MEC, SEESP, 2006. Acessado em 15 de junho de 2019.